



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

MAURÍLIO DE LIMA BENÍCIO

O DISCURSO DE ÓDIO É MESMO A SALVAÇÃO DE UM PAÍS?

**GUARABIRA
2018**

MAURÍLIO DE LIMA BENÍCIO

O DISCURSO DE ÓDIO É MESMO A SALVAÇÃO DE UM PAÍS?

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Coordenação de Letras, Centro de Humanidades, campus III, como pré-requisito à conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português.

Área de concentração: Análise do Discurso.

Orientador: Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B467d Benício, Maurílio de Lima.
O discurso de ódio é mesmo a salvação de um País?
[manuscrito] : / Maurílio de Lima Benício. - 2018.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes,
Departamento de Letras - CH."

1. Política. 2. Discurso. 3. Poder.

21. ed. CDD 401.41

MAURÍLIO DE LIMA BENÍCIO

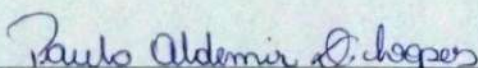
O DISCURSO DE ÓDIO É MESMO A SALVAÇÃO DE UM PAÍS?

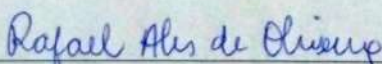
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Coordenação de Letras, Centro de Humanidades, campus III, como pré-requisito à conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português.

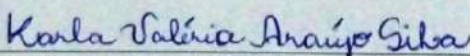
Área de concentração: Análise do Discurso.

Aprovado em: 11/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Rafael Alves de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Esp. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho à minha querida avó materna, Rosa Francisca Barbosa, que, mesmo sendo semianalfabeta, sempre soube a importância dos estudos e sempre quis ver os netos formados, como ela mesma diz: “virar doutor”. Minha felicidade é ainda maior por poder tê-la viva nesse momento de uma conquista, ainda que inicial, na vida acadêmica, de muita importância. Pois a ela dedico todo o meu crescimento como pessoa e como profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à grande rainha da minha vida, minha mãe, Maria José Barbosa de Lima, que sempre dedicou-me todo amor e atenção, me apoiou quando decidi largar a faculdade de história para seguir carreira como músico e, posteriormente, apoiou minha volta à classe acadêmica, sendo a principal base para essa conquista.

Ao meu pai, Manoel Macena Benício, que, mesmo sendo analfabeto, nunca deixou de apoiar meus estudos, sempre oferecendo conselhos importantes para a vida, seja em discussões familiares ou em comemorações, juntamente à minha tia, Laedna Macena Benício, que me acolheu em sua residência por alguns anos para que eu pudesse estudar o ensino médio decentemente, a ela meu mais sincero muito obrigado.

Ao meu grande irmão - que embora não seja de sangue, mas é considerado como mais que isso – Irineu Neto, o qual sempre esteve comigo em diversas situações, sempre me ajudando a enxergar a vida de uma maneira mais leve, bem como incentivando na participação de cursos de extensões.

A outro amigo de grande importância na luta diária por evolução como ser humano, Ônisson Batista Bezerra, o qual sempre soube entender piadas de nerd e charadas sem graça.

Ao meu querido primo, Arthur Felipe, que, além de primo e amigo, também sempre foi um grande conselheiro.

Aos Professores Karla e Rafael, componentes da banca examinadora, que foram escolhidos por suas qualidades e capacidades intelectuais que serão de extrema importância e contribuição na minha visão pós-TCC de análise e escrita.

Ao meu orientador, Paulo Aldemir Delfino Lopes, pela paciência, sapiência e disponibilidade de me ajudar com algo tão importante como este trabalho, sempre corrigindo de maneira edificante. Obrigado, grande sertanejo.

Por fim, agradeço a todos os professores que me formaram por toda a minha vida, desde o ensino fundamental até os dias atuais, levarei um pouco de cada um comigo sempre nessa profissão tão árdua e tão importante para a sociedade.

“Eu sou um déspota esclarecido nessa escura e profunda mediocracia”

(Humberto Gessinger)

RESUMO

Na política, o maior elemento de demonstração de poder é o discurso, justamente por isso analisar cada um dos discursos que nos são apresentados pelos postulantes a cargos eletivos é de suma importância para que possamos entender de onde partem seus preceitos e se eles condizem com suas práticas e comportamento, bem como com seu histórico político e pautas que defende. Considerando as instituições que influenciam a política desde que o termo “política” passou a ser difundido pelo mundo, como as religiões, as culturas antigas e novas vertentes que pretendem resolver os novos problemas sociais utilizando métodos de séculos passados, é possível mapear as possíveis intenções e interesses por trás de um discurso materializado. Esse estudo torna-se ainda mais relevante quando se trata de analisar, qualitativa e interpretativamente, um discurso de um postulante ao mais alto cargo eletivo do poder executivo que propaga o ódio, a intolerância, o preconceito e a ignorância, fazendo surgir movimentos que elevam o caos na sociedade, buscando a volta de práticas políticas que não mais são aceitas na sociedade atual. A partir desse estudo, é possível buscar entender os reais anseios de um povo em crise e apresentar soluções palpáveis que não sejam destrutivas às conquistas sociais existentes no século XXI. Para tal, foram escolhidos quatro momentos entre entrevistas e discursos públicos, os quais corroboram entre si as ideias radicais, e foram utilizados como embasamento os trabalhos conceituais e teóricos de Michel Pêcheux (1969; 1975; 1990), Michel Foucault (1979; 2012), Nicolau Maquiavel, Norman Fairclough (2001), Dominique Maingueneau (2005), Jacques Le Goff (2001), Raoul Girardet (1987), Norberto Bobbio (1995) e Carlos Poggio (2017).

Palavras-Chave: Política. Discurso. Poder.

ABSTRACT

In politics, the greatest element of demonstration of power is discourse, precisely for this reason to analyze each one of the speeches that are presented to us by the postulants to elective positions is of paramount importance so that we can understand where their precepts depart and if they conform to their practices and behavior, as well as with its political history and advocacy guidelines. Considering the institutions that influence politics since the term "politics" has spread throughout the world, such as religions, ancient cultures and new trends that seek to solve new social problems using methods from past centuries, it is possible to map possible intentions and interests behind a materialized discourse. This study becomes even more relevant when it comes to analyzing, qualitatively and interpretatively, a speech by a postulant to the highest elective office of the executive power that propagates hatred, intolerance, prejudice and ignorance, causing movements to rise the chaos in society, seeking the return of political practices that are no longer accepted in today's society. From this study, it is possible to seek to understand the real aspirations of a people in crisis and present palpable solutions that are not destructive of the social achievements existing in the 21st century. For this, four moments were chosen between interviews and public discourses, which corroborated radical ideas among themselves, and the conceptual and theoretical works of Michel Pecheche (1969, 1975, 1990), Michel Foucault (1979, 2012) , Niccolo Machiavelli, Norman Fairclough (2001), Dominique Maingueneau (2005), Jacques Le Goff (2001), Raoul Girardet (1987), Norberto Bobbio (1995) and Carlos Poggio (2017).

Keywords: Policy. Speech. Power.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O CAMPO DE ESTUDOS DENOMINADO ANÁLISE DO DISCURSO.....	13
2.1 Breve percurso histórico dos estudos discursivos	13
2.2 As (novas) Materialidades do Discurso.....	14
3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE POLÍTICA: REVISITANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE	16
3.1 O surgimento de novas identidades políticas e a ascensão de extremistas.....	18
4.1 O mito do político herói e seus perfis.....	23
5 CONTRADIÇÕES E UM DISCURSO DE ÓDIO QUE AINDA É ACEITO NA SOCIEDADE BRASILEIRA	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	35
Anexo A – Entrevista do deputado ao Programa CQC	35
Anexo B – Entrevista à revista playboy em junho de 2011.....	36
Anexo C – Entrevista ao Superpop em 2016.....	38
Anexo D – Entrevista à BBC de Londres, 2013.....	39
Anexo E - Trecho do discurso na Hebraica do Rio de Janeiro.....	40

1 INTRODUÇÃO

O que seria o discurso? Nos anos 1960, é iniciado o declínio dos estudos da língua por ela mesma, em função de novas perspectivas teóricas que preocupavam-se com a linguagem, com seus aspectos pragmáticos e sociais. A partir de então, o estruturalismo, em vigor à época, passava a ser rechaçado, abrindo brechas para diferentes vertentes de análises, dentre elas as discursivas. No caso destas, antes de tudo, independente da linha de pesquisa e análise, é salutar o pensamento acerca das maneiras pelas quais o discurso é emanado.

Do ponto de vista estruturalista, discurso e texto são similares, pois o enunciador apenas reproduz um sistema invariável, ou seja, o discurso aqui é apenas um amontoado de vocábulos a serem reproduzidos sem nenhuma interferência semântica ou semiótica do enunciador. Segundo Pêcheux (1990), o discurso é a ideia materializada e o enunciador é uma espécie de estoque dessa ideia social, sem poder de maculá-lo, num processo contínuo de internalização social; por sua vez, Fairclough (2001) acredita que discurso é uma prática social que transforma a realidade e o sujeito, sujeito este moldado pelos processos ideológicos, linguísticos e históricos em que está inserido, e agora sim possui poder para coordenar seu discurso, dando novos significados ao que é falado e, desse modo, mostra-se que a mesma sociedade que molda o discurso também é moldada pelo mesmo.

Para Maingueneau (2005, p. 15), discurso é “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Nessa concepção, o discurso não afeta a realidade do sujeito, mas outros discursos e suas relações. Já para Foucault (1969), em *Arqueologia do saber*, o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata, ou seja, o discurso não é enigmático, moldado através de componentes sociais, mas sofre influências históricas de saberes estabelecidos com o passar do tempo.

Analisar os discursos que nos são oferecidos e os vieses que os circundam, dão embasamento ou mesmo os solidificam, é imprescindível para entender as relações de poder e a busca por sua manutenção ou mudança. É também fundamental, sobretudo, para o descobrimento do nosso papel enquanto sujeitos sociais, no tocante a discernir o que nos é dito, e produzir falas que corroborem ou contradigam as demais, de acordo com nossos valores e crenças. Esse trabalho busca justamente sistematizar de maneira a deixar mais simples a interpretação de discursos que revelam a vontade de poder no campo da política.

Desse modo, o objetivo desse trabalho é analisar os discursos e posições políticas assumidos pelo presidente Jair Bolsonaro, então deputado federal, e suas condições de produção, relacionando-os às suas Formações Discursivas.

Sem um estudo dessa perspectiva, o cenário de manipulação torna-se mais amplo e eficaz, pois, sem uma análise criteriosa e sistemática dos poderes que nos cercam e dos discursos planejados que os materializam, o que é dito torna-se “verdade” devido à falta de contradições ou de contraditores.

Para tanto, situamos, inicialmente, o campo de estudos em que se insere a Análise do Discurso, em seguida, fazemos um percurso histórico buscando compreender os sentidos do termo “política” e suas influências ao longo do tempo, bem como sua relação com a religiosidade e com a mitologia, e, por fim, no cenário atual, como velhos posicionamentos políticos reverberam em discursos do presente.

Como base teórica para os estudos discursivos utilizamos Foucault (1979; 2012), Pêcheux (1969; 1975; 1990), Maingueneau (2005), Le Goff (2001) dentre outros. Por sua vez, Pinto (2013), Bobbio (1995), Poggio (2017) e Girardet (1987) nos emprestam algumas noções para situar as discussões em torno das questões políticas.

2 O CAMPO DE ESTUDOS DENOMINADO ANÁLISE DO DISCURSO

2.1 Breve percurso histórico dos estudos discursivos

A expressão Análise do Discurso (doravante AD) surgiu em 1952 através do linguista americano Zellig Harris, para objetivar alguns métodos da linguística textual, ao passo em que Roman Jakobson e Émile Benveniste iniciavam novos padrões de análise linguística sob investigações de cunhos comunicacionais e constitutivos da enunciação. Foi posteriormente melhorada pelo linguista francês Michel Pêcheux, no fim da década de 60, com o lançamento de *Análise Automática do Discurso*, em 1969, alterando o objeto de estudo do conceito, mudando o foco do texto para a fala, visto que discurso não é apenas o que está escrito, ele representa bases, contextos, visões, influências, funções e objetivos que se materializam em enunciados concretos, sejam orais ou escritos.

Até então, a AD era um conceito de acentuação de imagens discursivas, ou seja, apenas se dedicava ao que era exibido/falado ao passo em que a fala não era analisada, mas sim o texto cru, como sendo uma escrita. Pêcheux traz uma nova perspectiva acerca da AD, a perspectiva de que o exterior do discurso não pode ser fechado, limitado ou incompreensível e que justamente esse aspecto de profundidade do discurso deveria ser o objeto de estudo da AD, fora da bolha formal. De acordo com Pêcheux (1990), o discurso seria como a afloração de uma formação discursiva, social e ideológica, portanto, por essa visão, o sujeito não é dono do discurso, mas um meio de propagação através do qual o discurso se materializa. Pêcheux (1990, p. 3).

Não há, pois, discurso, realmente falado por seres humanos, que possa se destacar completamente dos trás-mundos (ou dos pré-mundos) que o habitam: o aforismo nietzscheano, segundo o qual os homens não poderão se desembaraçar da religião enquanto continuarem aderindo à gramática, designa talvez o impossível de uma sociedade integralmente liberta de toda religião, seja a de um deus, a de um povo ou uma nação, a do povo, da Classe Trabalhadora ou da humanidade, a da Ciência ou do Método, ou a de sua própria Subjetividade.

As interações e as funções linguísticas empregadas por determinadas práticas discursivas, bem como os modos de repetição de discursos de poder, com vieses políticos eram o foco da AD naquela década.

Nesse percurso, a AD passou por três períodos de alterações, elaborações e contribuições em seu(s) conceito(s). Pode-se considerar o primeiro período como sendo aquele em que predominou a teoria das máquinas discursivas, até então com forte influência americana, cujas análises tinham por foco a manipulação política, como por exemplo, um

indivíduo de esquerda não poderia discursar como um de direita e vice-versa, gerando, assim, uma automatização analítica que não considerava as intenções e mudanças de pensamento do sujeito.

A partir da inserção dos fundamentos acerca da ideia de Formação Discursiva (FD), de Foucault, articulada de acordo com a posição social ocupada pelo sujeito e as permissões discursivas dadas por elas (alienação e manipulação social) e da publicação de *Les Vérités de la Palice*, em 1975, também de Pêcheux, sob forte influência do marxismo e da psicanálise, em “Ideologias e aparelhos ideológicos do Estado” de Louis Althusser (1970) que indica que a ideologia é eterna como o inconsciente, apresenta-se uma revisão de conceitos anteriormente validados sob uma perspectiva automática. Nesse segundo período, a análise preocupa-se em descrever a difusão dos discursos, as formações discursivas e suas prerrogativas.

A partir dos trabalhos de Jacqueline Authier-Révuz, com as noções de heterogeneidade discursiva e interdiscurso, a FD sofre um declínio em decorrência da evocação das noções de dialogismo de Bakhtin. Essa ideia de interdiscurso ganha importância e se torna o foco de investigação da AD, por seu caráter de interação verbal, que expõe as diferenças entre discursos observadas nas faces do texto a partir de intertextualidade, citações, menções, entre outros aspectos textuais. Essa heterogeneidade carrega em si o peso da bagagem da formação social e ideológica definida em expressões, dialetos e até mesmo gírias, que são base e fundamentação de toda e qualquer prática discursiva. No presente, ao menos no Brasil, o que se denomina terceira fase da AD é, na verdade, o momento em que o projeto de análise se abre para outras materialidades discursivas, sobretudo, pela crescente influência das mídias digitais.

2.2 As (novas) Materialidades do Discurso

A Análise do Discurso surgiu com o objetivo principal de estudar os discursos políticos. Desde então, têm-se manifestado novos horizontes à AD, principalmente com o aparecimento de novas materialidades discursivas. A dinâmica social acarreta mudanças rotineiras na área científica, o que fomenta a procura por novas problematizações dentro da AD. Essa nova perspectiva teórica mais dedicada a aspectos importantes nos estudos sociais, como a compreensão dos fenômenos sociais modernos, faz uma reflexão acerca dos próprios conceitos que baseiam essa prática. Segundo Le Goff (2001), é preciso reconstruir a imagem

histórica do político, considerando todos os aspectos que subjazem seu discurso, incluindo as variáveis de simbologia e imaginação.

O imaginário, no sentido mais abrangente, é a constante necessidade humana de entender sua natureza e existência numa busca incessante pelo sentido de sua bagagem de vida, bagagem essa que inclui suas experiências sociais, culturais, ritos etc. Por essa interpretação, estende-se, por consequência, as percepções como de memória diacrônica, que influencia as percepções de mundo através de fatos históricos, cada uma delas em seu espaço temporal característico.

A narração de fatos do presente é fomentada por fatos do passado, seja por paráfrase ou metáforas, essas recorrências abrem um leque de possibilidades de enunciação que estruturam as formações discursivas. Em suma, essa dilatação dos conceitos de discurso e enunciado nos possibilita compreender que os discursos não se materializam somente em enunciados verbais. Foucault (2012) defende a diferenciação do enunciado de outras modalidades utilizadas por linguistas. Para ele, o enunciado não é uma unidade, mas uma função de linguagem que permite a abertura de uma gama de alternativas. Ele ainda apresenta, na *Arqueologia do Saber*, um novo conceito sobre discurso, quando o descreve “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos” (Foucault, 2012, p. 60).

3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE POLÍTICA: REVISITANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE

A conceituação clássica de política, que tem suas premissas em Aristóteles (I: 1252a - 1260b), possui estrutura conservadora, pois o mesmo afirmava que uns nascem para senhores e outros para escravos. Ainda segundo ele, essa vertente política é aversa a alterações como as de classes, do poder na linhagem familiar e redistribuição de renda, por exemplo, um claro exemplo de paradigma vertical, similar à metodologia de *seleção natural*, permitindo lutas na base horizontal, como a da sobrevivência, na qual a maioria se curva à vontade da minoria através do aparelhamento estatal de apropriação cultural, que torna a manutenção da hierarquia sempre relevante. Por essa visão aristotélica, o Estado é essencial e superior ao indivíduo, embora, em última instância, o que se busca é o bem da *pólis*.

Segundo Tales Pinto (2013), essa ideia de Estado soberano ao povo, tendo a moral como pilar principal de seu estabelecimento, perdurou até o século IV d.C. e se fortaleceu desde então a partir de Constantino, que, quando atormentado pelo aumento assustador dos ataques bárbaros a Roma, percebeu a importância do cristianismo para solidificar seu poder e unir seu povo em função de um Deus único, o Deus cristão. Estrategicamente, Constantino se converte e o povo cristão torna sua tropa muito mais poderosa, levando a dominar o mundo, funcionando como aparelho dominador, seguindo, assim, até o estabelecimento do sistema feudal, no qual a Igreja Católica, denominada como grande senhora feudal, foi o alicerce que fez o feudalismo se consolidar, estruturando a forma do poder que ditava as regras sociais e condenava os revolucionários através da santa inquisição, protegendo a natureza da dinastia do Império.

No século XVI, surgiu um grande conflito entre a população europeia e o poderio político da Igreja Católica devido às barreiras impostas pela mesma ao desenvolvimento do novo modelo mercantilista da época, dando surgimento à primeira reforma protestante, que tinha a figura de Martinho Lutero como seu idealizador e líder. Lutero persuadiu diversos governantes e nobres contra a religião de Roma, assim como também diversos camponeses que, adotando as ideias reformistas, passaram a questionar o poder das realezas. A reforma não contribuiu apenas para a mudança nos costumes religiosos, mas, muito mais fortemente, nos costumes políticos, ao materializar as ideias de governos mais populares com a criação de estados e da fomentação ao comércio burguês.

Ao final da Idade Média, surge a figura de Nicolau Maquiavel, que trouxe, num contexto que resgatava o antropocentrismo, a noção de uma outra estrutura de poder,

republicana, sem influências da igreja e livre de impérios. Quebrando o paradigma cristão que, usufruindo da moral e do poder descritos por Aristóteles, presume que poucos nascem para o poder e os muitos nascem para a escravidão, Maquiavel defende que há possibilidades de lutar por riquezas sem esperar por recompensas espirituais, a moral (de Aristóteles e do Cristianismo) não cabia mais na sociedade que entrava para a modernidade e, por isso, não poderia mais circundar as expressões políticas.

Em 1789, a Revolução Francesa marcou o fim da Idade Média, dando início, concomitantemente, à Idade Contemporânea. Marcada por cimentar ainda mais a ascensão da burguesia, a mudança de meios de produção e o aumento do poder de compra da população, influencia a política mundial até os dias atuais.

Na contemporaneidade, sobretudo na segunda metade do século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrocada de diversos sistemas de governo autoritaristas, movimentos políticos influenciados pelos ideais iluministas levaram o mundo ao apogeu do pensamento de esquerda, fenômeno que foi mais evidente na Europa e América do Sul. Nos EUA o movimento só ganhou notoriedade no século XXI com a eleição de Barack Obama, mas logo após começou a decair concomitantemente ao fenômeno mundial de crescimento do pensamento reacionário.

Uma década após a grande revolução francesa, o Brasil, que passava pelo processo de abolição da escravatura, apresentou-se ao mundo como a mais nova república, proveniente de um golpe militar em um regime monárquico sem sustentação política. Já os militares, que voltaram vitoriosos da guerra do Paraguai, contavam com o apoio das elites exportadoras de café. Não por coincidência, a república no Brasil, que foi iniciada por um golpe militar, é marcada por uma série de golpes de estado e por seis constituições diferentes em menos de um século de proclamação. Desde a proclamação, a democracia no Brasil é uma utopia, pois nunca seguiu os preceitos democráticos, sendo a população brasileira submetida a governos que seguiam, em tese, uma filosofia análoga à aristotélica, anteriormente citada neste trabalho, passando por governos autoritários, eleições indiretas, eleições oligárquicas, fraudes e, como também foi dito, golpes de estado, sendo dois deles militares e dois deliberados por instituições de uma elite descontente com a perda de possíveis privilégios: o primeiro foi em 1930, que levou Vargas ao poder, e o segundo, em 2015/2016, levando Michel Temer ao poder.

3.1 O surgimento de novas identidades políticas e a ascensão de extremistas

Não há como falar de política, de religião, nem dos conflitos empreendidos historicamente contra ambos, sem falar dos polos divergentes que tiveram seus conceitos substanciados a partir dos confrontos estabelecidos pela população inconformada com os modelos de governos outorgados pelo mundo em regimes imperiais e monárquicos; claramente estamos falando dos conceitos de direita e esquerda.

Entende-se por direita o pensamento fundamentado em bases religiosas e morais, cujo sujeito escolhido para o poder tem um tom de divindade, um “dom” de liderança de uma sociedade na qual a maioria nasceu premeditada à subalternidade e submissão, enquanto que uma minoria nasceu predestinada ao poder, à liderança e à manutenção dos mesmos. São marcas do ideal direitista a manutenção de classes sociais e de uma sociedade de pensamento estagnado, e, para isso é utilizado todo aparelhamento estatal de educação e cultura em exclusividade aos “nobres”. Ao passo em que o conceito de esquerda é baseado em ideais iluministas de libertação em relação aos ideais direitistas, luta por poderes, ascensão social, acesso à educação e cultura, participação das forças populares nas decisões governamentais e na negação do poder divino cedido a poucos, buscando, portanto, uma sociedade com iguais oportunidades sem distinção de classes.

Em contraposição ao pressuposto acima, que afirma que as duas ideologias são, em fatos e conclusões, totalmente contrárias e contraditórias, existe uma linha de pensamento, a liberal iluminista¹, que defende que ambas se complementam, como se uma preenchesse o vazio da outra, afinal ambas sofreram mudanças ideológicas e comportamentais ao longo desses séculos desde seus surgimentos. Podemos afirmar que a esquerda de antes, que se firmou nas sociedades igualitárias, republicanas e democráticas, hoje é a nova direita e que a antiga direita fundiu-se a esse novo pensamento. Porém enfrentam uma nova esquerda que agora enxerga novos problemas nos antigos ideais que não estavam preparados ideologicamente para o surgimento de novos pensamentos e novas tecnologias, ou seja, a análise e distinção desses termos é fundamentada em díades. De acordo com Bobbio (1995, p. 32).

Existem díades em que os dois termos são antitéticos, outras em que são complementares. As primeiras nascem da interpretação de um universo concebido como composto de entes divergentes, que se opõem uns aos outros; as segundas, da

¹ O **Iluminismo** foi a corrente de pensamento dominante na Europa do século XVIII e defendeu o predomínio da razão sobre a fé, representando a visão de mundo da burguesia. Seus pensadores negavam as doutrinas absolutistas e mercantilistas e apoiavam valores **liberais**, tanto na política quanto na economia.

interpretação de um universo harmonioso, como composto de entes convergentes, que tendem a se encontrar e a formarem juntos uma unidade superior.

Com essa modernização da política, que transformou a velha esquerda na nova direita, houve uma reformulação na denominação dessas duas vertentes, sendo chamados agora de conservadores e progressistas. Levando em consideração que em uma das interpretações o universo é concebido de entes convergentes, surge um terceiro ente, o centro, que é concernente a algumas ideias de direita/conservadoras e a outras de esquerda/progressistas, mas esse centro não dissolve as ideologias que o dividem, elas continuam existindo e se materializando.

A esquerda, após as conquistas exponenciais de empoderamento e ascensão, se manteve na preferência popular praticamente em toda a segunda metade do século XX e primeira década do século XXI, até que, pelo menos no Ocidente, começou a decair, enquanto movimentos de direita começaram a eclodir novamente e a ganhar forças.

No Brasil, a direita comandou o país por mais de sete décadas do século XX, principalmente com os golpes militares e partidos políticos liderados por grandes ruralistas, barões e militares de alta patente, que sempre visavam à manutenção do poder em detrimento do interesse popular. Já a esquerda se alinhou mais aos movimentos comunistas, sindicalistas, alguns até anarquistas, formando uma identidade que permanece até hoje, momento no qual distinguir direita e esquerda no Brasil é bem difícil.

Nesse contexto, por exemplo, a ascensão de Lula, que veio dos movimentos populares com ideologias de esquerda e chegou ao poder mediante alianças com partidos cujos históricos compunham mais com a direita que com a esquerda e com manejo econômico análogo aos praticados pelos da direita liberal, ajudou a disseminar uma ideia de país unido, sem distinção entre os dois polos, que se manteve até o ano de 2013, quando começaram a eclodir movimentos de direita e extrema-direita no país.

Nesses aspectos, surgem ainda outros dois movimentos políticos, as extremas direita e esquerda, formando, assim, uma cadeia de cinco vertentes diferentes, sendo as três novas todas relacionadas às duas primeiras. Como já foi visto, o centro é aquele que une ideias de ambos os lados, ao passo em que os extremos são exatamente aquilo que deveriam ser, o confronto direto e contrário um ao outro.

Por extrema-esquerda, também conhecida como esquerda radical, entende-se, em países da Europa e da América, que é a denominação de correntes políticas com posições de esquerda em relação aos partidos de esquerda (a nova direita), ou seja, é o radicalismo propriamente dito, anticapitalista, estadista ao ponto de defender que o Estado tenha controle

sobre todos os meios de produção. Defendem ainda uma sociedade totalmente sem estratificação, ou mesmo que sociedades com grandes hierarquias devem ser derrubadas por meio de revoluções a fim de que não existam mais ricos nem pobres, mas um Estado regulador de uma distribuição de renda igualitária.

Já a extrema-direita, que embora também possa ser considerada como a nova direita em relação à velha (seria nova esquerda?), faz oposição às políticas modernizadas. Algumas das correntes de extrema-direita menosprezam o igualitarismo, ainda que falem pouco acerca dele, prezam por uma sociedade inteiramente estratificada e a supremacia de alguns sujeitos em detrimento de outros, isto é, procurando restabelecer modelos antigos de governos.

Em nível mundial, desde a crise na Grécia², há um grande debate e conflito entre esses extremos, sendo que ambos apresentam um ponto de convergência, a luta Anti-União Europeia, contra sua soberania e, porque não dizer, tirania. No Brasil ocorre um fenômeno similar, quando observamos que tanto a extrema-direita quanto a extrema-esquerda também têm um inimigo comum aqui: a imprensa. Ambos os lados acusam-na de interferência, manipulação, partidarismo, entre outros.

Um marco mais recente que define e acentua ainda mais a crise na Europa são os vários ataques terroristas e as fortes investidas de imigrantes oriundos das guerras no Oriente, com maior contingente proveniente da guerra na Síria. A grande proporção que esses dois fatores tomaram nos últimos anos levou ao crescimento de movimentos de extrema-direita, que ganharam ainda mais força com a decisão tomada pela maioria dos ingleses pela saída da Inglaterra da União Europeia, que tenta apaziguar as decisões políticas de combate tanto ao terror quanto às imigrações, fazendo uso de posições mais humanísticas. Na França, Reino Unido e Alemanha houve um crescimento notável do pensamento e de grupos extremistas, podendo ser atestado pelos resultados das últimas eleições naqueles países, onde esses grupos, mesmo perdendo, alcançaram índices de votação que desde o fim da Segunda Guerra Mundial não conseguiam.

Concomitante ao crescimento dos reacionários na Europa, Donald Trump se elegeu presidente dos EUA com discursos xenófobos, racistas, machistas e outras intolerâncias, acendendo os ânimos de vários movimentos conservadores existentes no país, que também são contra imigrantes devido às recentes ameaças terroristas, levando junto os movimentos conservadores brasileiros, na figura do deputado federal Jair Messias Bolsonaro (PSC-RJ).

² Em 2010, A Grécia entrou em crise econômica devido ao governo ocultar dados macro econômicos, como o real valor da dívida nacional, que foi agravada com a crise da Zona do Euro, e o governo grego foi obrigado a contrair empréstimo de 100.000 milhões de Euros com a União Européia.

Enquanto na Europa e EUA os movimentos reacionários crescem devido à resistência aos imigrantes e ao terrorismo, no Brasil, país subdesenvolvido, esse crescimento se dá pela insatisfação com a falta de segurança, aumento da criminalidade e da impunidade. A insatisfação das grandes elites, que comandam grande parte da mídia no país, deve-se ao crescimento dos programas sociais de distribuição de renda e moradia e a ascensão de parte da população de classes mais baixas aos níveis de classe média, com acesso ao ensino superior bem como a outros serviços considerados de elite, como viagens de avião e, há quem seja totalmente contra, à compra de veículos.

Segundo Poggio (2017), as nações deverão conceber maneiras singulares para contornar o fenômeno de crescimento desses grupos. Países com mais tradição e solidez são os que possuem maiores facilidades no combate a movimentos antidemocráticos que, porventura, ascendam ao poder. A expansão dessas ideias é um efeito causado pelas alterações de alto grau que servem como avaliação da resistência dessas nações. Os próximos governantes provenientes dessa nova geração têm uma grande responsabilidade em manter o processo democrático em vigor, procurando maneiras de coalizar a polarização, mantendo estabilidade aos processos ideológicos e de mudanças sociais.

4 O MITO NA POLÍTICA

A atividade política é, de fato, uma manifestação moderna que, apesar de seu tento racional, possui paixões que, segundo Raoul Girardet (1987), são programadas ideologicamente. Os discursos políticos que alimentam os ideais e esperanças dos sujeitos são provenientes de crenças, da religiosidade e de imagens mitológicas que direcionam, inconscientemente, o pensamento popular para uma realidade na qual profetas anunciam o milagre do retorno a épocas passadas e o combate às novas políticas baseadas em arquétipos antirreligiosos.

Algumas metodologias de estudos políticos, em especial a *História Cultural*, a *História das ideias* e a *História das Mentalidades*³, acreditam que a história e a cultura também são formadas por nossa inconsciência; a irracionalidade ajuda a compreender diversos fenômenos sociais que as dimensões racional e consciente não explicam. Algumas narrativas religiosas estão em nossa mente como um mantra, a exemplo da busca por um líder libertador que unirá os povos contra o mal que conspira contra o bem, e essas ideias exercem uma influência absurda sobre os sujeitos, até nos dias atuais, através de líderes carismáticos, que fazem uso de uma imagem messiânica e digressões a passados idealizados mesmo em sociedades laicas. O ódio aparente entre oposicionistas políticos fica claramente explicado quando se toma a ideia de que, para eles, a luta política é, na verdade, uma luta do bem contra o mal, contra conspirações do mal, fomentadas pelos ideais míticos religiosos.

A palavra mito é comumente compreendida como mentira, ilusão, lenda, ou seja, algo imaginário. Mas, com o advento da psicanálise, os estudos dos sonhos descobriram que as anedotas do inconsciente ou subconsciente têm bastantes semelhanças com as narrativas provenientes da mitologia, da religião e das lendas; também é conclusiva, segundo Raoul Girardet (1987), a afirmação de que essas anedotas, aparentemente inocentes, ajudam bastante a entender alguns paradigmas imperceptíveis do nosso inconsciente. Por esse ponto de partida, os historiadores da religião passaram a aceitar o conceito de mito como sendo também um conjunto de anedotas de um passado sagrado que não foi vivido, mas ajuda a explicar os sentidos da vida. O mito político é baseado em diversos termos como a mentira, a fábula, digressões do inconsciente e anedotas da realidade, possuindo padrões limitados

³ A *História cultural*, definida a partir década de 1970, procura combinar os questionamentos da antropologia e da **história** para olhar para as tradições da cultura popular e interpretações **culturais** da experiência histórica e humana. A *História das ideias* é um campo de pesquisa da **história** que lida com a expressão, preservação e mudança nas **ideias** humanas ao longo do tempo. É uma disciplina irmã (ou uma aproximação particular) da **história** intelectual. Já a chamada *História das Mentalidades* é uma modalidade historiográfica que privilegia os modos de pensar e de sentir dos indivíduos de uma mesma época.

dentro de seus próprios conceitos, pois os discursos utilizados para explicar ou analisar o mundo estão sempre dentro de um determinado número de padrões, onde as idealizações sempre são amparadas nas imagens como as de líder salvador, libertador, purificador, e sempre concernente às imagens de luz, ou, do lado contrário, ao sujo, ao monstro etc. Assim encontramos em Girardet (1987, p.17).

(...) também nos mecanismos combinatórios da imaginação coletiva parecem não ter à sua disposição senão um número relativamente limitado de fórmulas. O poder de renovação da criatividade mítica é, de fato, muito mais restrito do que as aparências poderiam fazer crer.

Muitas das propagandas, de ambos os lados (direita, esquerda, extremos etc), procuram relacionar seu opositor a estereótipos maléficis, que vão desde imagens de porcos ou assassinos até a imagem do próprio diabo, um discurso que faz eclodir a figura do herói salvador.

4.1 O mito do político herói e seus perfis

Figuras políticas de aspecto pitoresco geralmente surgem com mais força em momentos de crises constitucionais, algumas pela própria sede do povo por um herói, um produto do inconsciente, como já vimos, e outras pela manipulação audaciosa daqueles que dizem interpretar os anseios da sociedade, seus apelos e sua necessidade de um novo líder. Em síntese, a partir das posições ideológicas sustentadas por qualquer um dos lados, fabrica-se um discurso que desqualifica o outro, visando à construção de uma figura política mitológica, capaz de libertar o povo das mazelas sociais em que se encontra submerso.

Dentre os perfis heroicos, destacam-se quatro tipos, os quais veremos que, pela semelhança de seus discursos, encaixam-se, nesse momento, com políticos na atual conjuntura brasileira. O primeiro é o VELHO HOMEM que conquistou fama em lutas do passado, exerceu cargos públicos com maestria e depois decidiu descansar, abandonando a vida pública, mas que, pelo clamor social, decide voltar com o discurso de “reorganizar a casa” e que, pelo uso da retórica, de ter se doado à nação durante anos, tem um poder de persuasão incrível, esse perfil é muito parecido com o do ex-presidente Lula da Silva; o segundo é o AVENTUREIRO, aquele que aparece com vigor juvenil e muito entusiasmo, ascende com histórias fabulosas e promessas de ação imediata, este é muito parecido com o senador Aécio Neves de 2014, então candidato à presidência, antes dos escândalos; já o terceiro é o HOMEM PROVIDENCIAL, aquele que se apresenta como fiel guardião, pois

possui os reais fundamentos patriotas, que se encaixa quase que perfeitamente ao deputado federal Jair Messias Bolsonaro, que também se assemelha ao quarto perfil de herói, O PROFETA, aquele que anuncia uma nova alvorada, guiado pelo divino, apresentado como desbravador, une seus ideais aos ideais populares, representante cabal da união popular em defesa de sua pátria.

Como Lula da Silva encontra-se preso e Aécio Neves está “morto politicamente” após os desgastes dos diversos escândalos nos quais está indiciado, o discurso mais propagado e, aparentemente, mais replicado é o do deputado Jair Bolsonaro, discurso esse que iremos debulhar a seguir.

5 CONTRADIÇÕES E UM DISCURSO DE ÓDIO QUE AINDA É ACEITO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Com os acontecimentos recentes no cenário político brasileiro, no qual o ex-presidente da república e pré-candidato à mesma, Lula da Silva, encontra-se preso e o senador da república e ex-candidato à mesma, Aécio Neves, encontra-se, por assim dizer, “morto politicamente” devido aos diversos escândalos de corrupção aos quais está ligado, o discurso mais expandido, pelo menos nas redes sociais, é do deputado federal e pré-candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, que possui um discurso ferrenho de ativismo contra o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) e a favor da intervenção militar, e é justamente o seu discurso que iremos analisar nas próximas linhas.

Antes de tudo, é salutar levar em consideração as doutrinas que baseiam e fundamentam, em tese, seus posicionamentos, discursos e ideais, que são o cristianismo e o militarismo. A análise, em si, partirá desses pressupostos para tentar avaliar a coerência e as possíveis faltas dela na materialização desses ideais na luta pela chegada ao palácio do planalto.

Nascido em Glicério, interior de São Paulo, segundo de sete irmãos, ingressou na carreira militar em 1973 na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, indo para a Academia Militar das Agulhas Negras no ano seguinte. Esteve longe de ser um militar disciplinado, pois foi punido, dentre vários motivos, por reivindicar aumentos salariais em público, sendo posto na reserva. Em 1988, foi eleito vereador na cidade do Rio de Janeiro e, após dois anos, elegeu-se deputado federal, cargo que exerce até o atual momento. Está casado pela terceira vez, possui cinco filhos, sendo quatro homens e uma mulher, dois deles deputados, um é deputado estadual pelo estado do Rio de Janeiro e o outro é deputado federal pelo estado de São Paulo. Bolsonaro e seus filhos são, conforme ponderações em capítulos anteriores desse trabalho, de extrema-direita e é popularmente conhecido pela alcunha de “mito”, justamente por suas ideias e posições esdrúxulas.

Para a primeira análise, tomamos alguns trechos de uma entrevista do deputado em aparição polêmica no televisivo CQC⁴, do canal Band, da Tv aberta, no ano de 2011, que foi um marco para sua visibilidade nacional. No quadro em questão, intitulado “O povo quer

⁴ O programa televisivo CQC, exibido semanalmente pela TV Band, de 2008 a 2015, era um misto de jornalismo e humor. A sigla, CQC, é um acrônimo de Custe o Que Custar, uma vez que os repórteres do referido programa deveriam entrevistar artistas, políticos e outras celebridades, constringendo-os através de questionamentos que ninguém mais teria coragem de fazer.

saber”, populares fazem perguntas e o deputado as responde. Os temas abordados vão desde posicionamento político favorável à Ditadura Militar, questões relacionadas à sexualidade e à negritude. A transcrição completa da entrevista encontra-se no Anexo A.

Por tais falas encontrarem-se dentro de um quadro humorístico, em um programa televisivo que busca o riso *Custe o Que Custar*, as afirmações polêmicas do sujeito tendem a ganhar um tom jocoso, que poderia amenizar o peso das posições políticas defendidas pelo mesmo. No entanto, ainda que mascarados pela sátira debochada, os valores ideológicos da extrema-direita política ficam explícitos em seu discurso. Tomemos, por exemplo, a resposta do presidenciável a um popular que o indaga sobre qual seria sua postura caso tivesse um filho gay: “Isso nem passa pela minha cabeça, porque eles tiveram uma boa educação. Eu sou um pai presente, então, não corro esse risco” (BOLSONARO, 2011).

Por se tratar do gênero discursivo entrevista, que pode tornar tendenciosos os rumos do discurso, o entrevistado, precavendo-se da polêmica a que julgasse ser impelido, poderia tangenciar ou mesmo evadir-se; no entanto, o que vemos é o apelo à moralidade, aos valores patriarcais – pai provedor e presente – como forma de justificar seu preconceito. O “risco” de ter um filho gay é afastado graças a duas condições que muitos pais gostariam de propiciar a seus filhos: dar boa educação e passar tempo com eles. Em se tratando da grande maioria dos brasileiros, essas duas condições se distanciam diametralmente, uma vez que, para pagar boas escolas para os filhos, os pais precisam trabalhar cada vez mais, restando poucas horas para lazer e outras atividades familiares. Entretanto, uma contradição à qual o entrevistado sequer se dá conta é o fato de que ter filhos gays não é prerrogativa apenas de famílias pobres, pouco escolarizadas e de pais ausentes, pois a sexualidade não está atrelada a questões de classe social.

Ainda no tocante à temática da sexualidade, mais especificamente sobre o movimento LGBT e os movimentos que buscam a visibilidade às minorias sexuais, questionado se participaria de um desfile gay, ele responde: “Eu não iria, porque eu não participo, né?, de promover maus costumes, né? Até porque acredito em Deus, tenho família e a família tem que ser preservada a qualquer custo, senão uma nação, simplesmente, ruirá” (BOLSONARO, 2011).

A despeito de questões de ordem pessoal, como o fato de o presidenciável encontrar-se em seu terceiro casamento e ter filhos resultantes de relações extraconjugais, a família, e aqui leia-se família tradicional, nos moldes patriarcais, formada por homem, mulher e filhos, é o argumento creditado pelo mesmo para, do alto de sua ignorância, categorizar como “maus costumes” eventos que buscam desestabilizar o binarismo com que o patriarcado trata as

questões de sexualidade. Em última instância, o recurso à preservação da família tradicional e o não reconhecimento de outras formas de vivenciá-la é uma marca identitária da extrema-direita que já não se sustenta, sobretudo depois de vários países terem reconhecido a união civil entre pessoas do mesmo sexo, bem como direitos à herança e à adoção de filhos por casais homoafetivos, por exemplo.

À Revista *Playboy*, edição de junho de 2011, cuja entrevista está transcrita na íntegra no Anexo B, o deputado dá mais declarações controversas que reafirmam alguns posicionamentos da entrevista dada ao CQC, elucidada anteriormente. Sempre tentando imprimir um tom de humor, faz considerações como a seguinte: “Aí é uma questão pessoal minha. Por exemplo, moro num condomínio, de repente vai um casal homossexual morar do meu lado. Isso vai desvalorizar minha casa!” (BOLSONARO, 2011).

Enquanto tenta, de forma jocosa, sempre tratar assuntos delicados como piadinhas, abre uma lacuna analítica que possa definir um limite entre o que é verdadeiramente humor e o que não é, assim como delimitar até que pontos esse tipo de postura vem a ser benéfica ou maléfica para nossa sociedade. Em *A Ordem do Discurso* (1970), Foucault elucida sobre o que era considerado discurso de loucos na idade média, os quais eram rejeitados pela grande parcela da sociedade, porém eram acolhidos por uma pequena parcela como sendo uma palavra de verdade, assim podemos fazer uma analogia com o discurso do deputado. O que percebemos, inicialmente, é que, embora tente desvincular sua vida privada da vida pública, pouco útil seria se o conseguisse, primeiramente, porque o sujeito é a soma de todas as experiências que vivencia, seu discurso é a reverberação de muitas vozes e formulações anteriores, depois, porque do que se pode extrair de suas falas, sejam elas mais ou menos formais, “exala” sempre um ar de superioridade. Desconhece, no entanto, o poder aquisitivo do *Pink Money*⁵, que, ao invés de desvalorizar sua propriedade, poderia elevar seu valor. Não podemos dizer que tal afirmação trata-se de uma tentativa sorrateira de estimular a homofobia pelo simples fato de faltar ao sujeito que a enuncia a sutileza ou a elaboração necessárias a uma metáfora ou qualquer outra figura de linguagem, ainda assim, é uma rude tentativa de atribuição de causa e efeito, como se dissesse “os gays chegam à vizinhança e o mercado imobiliário entra em colapso”, o que é duplamente falso, pois o sujeito não alcança tal formulação e, ainda que o fizesse, seria uma inverdade.

⁵ Expressão cunhada para designar o poder de compra do público gay, nicho de mercado que ganha cada vez mais expressividade. Cf. <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2017/07/pink-money-ja-movimenta-cerca-de-us3-trilhoes-no-mercado-mundial>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Essa briga persistente contra os homossexuais ficou mais evidente após o deputado se posicionar contra o que ele chama de “kit gay”, que seria uma cartilha de educação sexual para escolas públicas que, segundo ele, ao invés de coibir a homofobia, estimula o “homossexualismo”. Então, perguntado se amaria um filho gay, diz que seria incapaz, que preferiria ver um filho morto a um filho gay, que a pedofilia parte, geralmente, de homossexuais e, como se não fosse o bastante, liga, por várias vezes, a homossexualidade a drogas e HIV, como é possível observar na afirmação: “As questões de mulheres casadas que contraem o vírus, muitas vezes elas pegam pelo marido, que é bissexual e leva para dentro de casa” (BOLSONARO, 2011).

Para justificar seu machismo, dessa vez em entrevista ao televisivo Superpop, da Redetv, em 2016, cuja transcrição encontra-se no Anexo C, utiliza como desculpa a doutrina militar. O que não fica claro é como o militarismo defende que mulheres ganhem menos que homens. Respondendo uma pergunta sobre se ele contrataria uma mulher pagando o mesmo que a um homem, ele diz: “Eu não empregaria com mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente. Eu acho que essa igualdade...” (BOLSONARO, 2016).

Além de não considerar que as mulheres têm competência para ocupar os mesmos postos de trabalho que os homens, tornou-se praticamente uma bandeira de Bolsonaro a luta contra a causa gay. Como estratégia discursiva para desvincular-se das acusações de misoginia e homofobia, tão impregnadas ao seu discurso, ele adotou uma postura de transformar seu posicionamento num reflexo das vontades populares. Vejamos: “Tua cultura é diferente da nossa. Agora nós não estamos preparados ainda, no Brasil, porque nenhum pai, nem você nem eu, tem orgulho de ter um filho gay. O orgulho brasileiro de fazer festa se aparecer um filho gay?!” (BOLSONARO, 2013).

Essa afirmação foi feita pelo deputado em entrevista ao comediante britânico Stephen Fry, para um documentário da BBC, de Londres, sobre o crescimento da homofobia pelo mundo, que encontra-se transcrita no Anexo D, afirmação essa que inclui uma tentativa de ligar seus ideais aos ideais da maioria brasileira, como o arquétipo de Profeta, segundo Girardet. Depois de dizer que no Brasil não há homofobia porque não existem grupos de extermínio a homossexuais (e há), fica difícil de saber qual o método de pesquisa utilizado pelo deputado para chegar a tais conclusões sobre as vontades nacionais, mas o rumo da conversa toma destinos ainda mais controversos quando Jair compara a aversão a gays, que, segundo ele, é uma cultura nacional, à aversão que os britânicos têm a grupos extremistas como o talibã, como se ambas as noções fossem completamente semelhantes.

O uso do pronome pessoal de primeira pessoa do plural por parte de um político, que, em tese, representa o povo, mostrar-se-ia adequado, não fosse o fato de ele falar em nome de um séquito extremista que não representa a totalidade das posições políticas presentes no Brasil, ao contrário, apenas acentua o abismo existente entre a classe política e a população de eleitores brasileiros.

Já no ano de 2017, em discurso na Hebraica, do Rio de Janeiro, transcrição de trechos e link do vídeo no Anexo E, ele reitera ainda mais essas posições extremistas, depois de afirmar que sua filha mais nova é fruto de uma “fraquejada”. Na continuação, exibindo mais temáticas sobre as quais nutre preconceitos, desta vez de ordem racial, ele afirma: “Quilombolas é outra brincadeira. Eu fui num “quilombola”, aqui do lado do paulista. Olha, o... o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais” (BOLSONARO, 2017).

Exibindo toda a sua ignorância e desprezando o fato incontornável de sermos um país fortemente miscigenado, Bolsonaro se refere a um quilombo o denominando de “quilombola” e desdenha de todas as características de um ser humano, mostrando seu total desprezo pela ética e moral que tanto diz defender. Para complementar, ele fecha a fala com o seguinte trecho:

(apontando para um telão) Aqui são as reservas indígenas no Brasil, né? Onde tem uma reserva indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí! (aos gritos) Não vai ter nenhum centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola (BOLSONARO, 2017).

Nenhum tipo de diplomacia é visto incluso no discurso de um deputado com pretensões ao Palácio do Planalto, não há a possibilidade de diálogos de coalizão, apenas ataques e mais ataques que não param no racismo: “(apontando novamente para o telão em direção às fronteiras do norte do Brasil) Primeiro vamos voltar aqui à questão da xenofobia, né. Nós não podemos abrir as portas do Brasil para todo mundo” (BOLSONARO, 2017), ou seja, “voltar à questão da xenofobia” não é problematizá-la ou desestimulá-la, mas praticá-la. Ele a reitera, num momento em que o mundo sofre com a fuga de centenas de milhares de pessoas de seus países de origem devido a crises financeiras, guerras civis e outros motivos. O momento é de crise, o planeta inteiro pede socorro e clemência pelas vidas de inocentes, o deputado não demonstra se importar com as necessidades sociais de urgência, e sim em combater o “baitolismo”. E o que é “baitolismo”? Jair Messias explica: “(em tom de deboche) Se um idiota, num debate comigo, caso eu esteja lá, falar sobre

misoginia, homofobia, racismo, “baitolismo”, eu não vou responder sobre isso” (BOLSONARO, 2017).

Fica nítido que o deputado pressupõe para si um instinto de superioridade às ideias aversas às suas, tratando com desdém e desprezo todo aquele que ousar lhe contestar. Em uma espécie de considerações finais da entrevista com Jair Bolsonaro, em 2013, Stephen Fry fala sobre o perigo iminente que a sociedade sofre com as consequências que o discurso mentiroso, intimidador e extremista do deputado pode causar para uma população, tendo em vista que o público-alvo e fomentador do mesmo é enviesado por grupos de fanáticos, em sua maioria religiosos, que fazem pouco caso de questões sociais ou democráticas, pois a religião até hoje mantém o perfil da política aristotélica. Esses grupos são ferrenhos nas redes sociais, alguns com discurso de “paz e amor”, adotado pelo deputado nos últimos meses, tentando gracejar o centro brasileiro, porém sem muita eficácia. Verdade é que, para esses grupos, Jair Messias Bolsonaro representa o enfrentamento dos seus medos de uma sociedade igualitária, que para eles é estranha, foge ao “normal”, foge àquilo que é doutrinado e que se solidificou como marca identitária da extrema-direita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, observamos que o discurso não é fechado em si mesmo, e sim formado por diversas matrizes históricas de construção de sentido e de manipulação de massas segundo os anseios de quem tem o poder e o espaço para tal. Cada discurso serve a interesses específicos subjacentes à materialização dos mesmos, segundo análise das necessidades e clamores de um povo.

Por esse viés, considerando o descontentamento da população brasileira em relação aos escândalos envolvendo governos de esquerda, o que faz a ideologia de direita emergir exponencialmente, é visível o aproveitamento da situação para o uso de doutrinas antiquadas, propagadas a golpes de frases feitas cheias de preconceito e desconhecimento, para atingir certas camadas da população que ainda não conseguem entender a evolução do pensamento universal em relação aos novos problemas sociais.

Com o advento das novas tecnologias, o discurso e as ideologias extremistas tomaram proporções gigantescas quanto a sua expansão e até de certa aceitação mediante imposição e criação de alguns fatos inexistentes que corroboram para esse tipo de prática, haja vista que a grande maioria dos brasileiros não se preocupa em procurar fontes de informações seguras. É, ao mesmo tempo, preocupante e interessante, do ponto de vista analítico, pois esse fenômeno permitiu novos estudos acerca da evolução das sociedades pelo mundo e seus posicionamentos políticos.

Segundo Foucault (1970), o discurso do louco não era ouvido, e se ouvido era tido como fonte de verdade. Assim emerge o discurso do deputado Jair Messias Bolsonaro, fundamentado em ideologias arcaicas que não são mais aceitas em nossa construção de sociedade atual, mas que projeta, nos mais saudosos, a esperança de rever velhos dias que não voltam mais.

Um líder de uma nação não deve ser sectarista, não deve ser destruidor de uniões, mas um unificador, que faça florescer o sentimento pátrio nos anseios de toda a população que clama por dias melhores. Um herói nacional não pode ser amado apenas por uma parcela de seu povo, senão por todo ele.

Será que esse discurso preenche as lacunas deixadas por governos de ideologias de esquerda? Até onde isso pode ser benéfico ou maléfico para gerações futuras? Essa é uma análise necessária e constante que deve pautar os pontos a serem cogitados na escolha daqueles que têm o verdadeiro poder de mudar o país, o povo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução do grego, introdução e notas do Prof. Mário Gama Kury. 3 ed.. Brasília: UNB, 1997.
- BARROS, José D'assunção. **História das Idéias** - em torno de um domínio historiográfico". *História em Reflexão*, UFGD, vol.02, nº3, jan/jun de 2008.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.
- BOLSONARO, Jair Messias. **Entrevista ao CQC** em 28 de março de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l3m4nhtxLl4>>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- _____. **Entrevista à revista playboy** em 29 de junho de 2011. Disponível em: <<http://lokosdown.blogspot.com.br/2011/07/ex-bbb-maria-melilo-vencedora-da-11.html>>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- _____. **Entrevista ao Superpop** em 15 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AGd2h464Hvo&t=37s>>. Acesso em: 17 mai. 2018.
- _____. **Entrevista à BBC de Londres** em outubro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hxh_laUnt3I>. Acesso em: 16 mai. 2018.
- _____. **Trecho do discurso na Hebraica do Rio de Janeiro** em 3 de Abril de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u58S3rcOrVo>>. Acesso em: 18 mai. 2018.
- BONDE. **Entenda o processo da proclamação da república**. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/educacao/passado-a-limpo/entenda-o-processo-da-proclamacao-da-republica-248504.html>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- BURKE, Peter. **What is Cultural History?**. Cambridge: Polity Press, 2004.
- COLÉGIO WEB. **A Direita e a Esquerda no Brasil**. Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/politica/direita-e-esquerda-brasil.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- CHARLEAUX, João Paulo. **Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo esse estudioso**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FERNANDES, Jorge Almeida. **Quando a esquerda radical e a extrema-direita convergem**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/07/26/mundo/analise/quando-esquerda-radical-e-extremadireita-convergem-1703164>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

LE GOFF, J. Prefácio. In: BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Pensamento Político de Maquiavel**. Disponível em:

<http://www.nicolaumaquiavel.com.br/pensamento-politico-de-maquiavel> Acesso em: 21 abr. 2018.

NEXO. **Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudioso**. Entrevista com Calos Gustavo Poggio em 29 Set. 2017. Disponível em:

< <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso> > Acesso em: 19 Mai 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos**. Cadernos de Estudos Linguísticos, n.19. Campinas: Unicamp. 1990.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010.

_____. (1975). **Semântica e Discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PINTO, Tales dos Santos. **Religião e política na idade moderna**. Disponível em:

<https://alunosonline.uol.com.br/historia/religiao-politica-na-idade-moderna.html> Acesso em: 22 abr. 2018.

_____. **Resumo da história da República Brasileira**; Brasil Escola. Disponível em

<<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/brasil-republica2.htm>>. Acesso em 24 de Abril de 2018.

QUEIROZ, Vitor de. **O que é discurso? Uma abordagem Foucaultiana**. Disponível em:

<<http://colunastortas.com.br/o-que-e-discurso/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SÉRGIO, Paulo. **Política**. Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/politica.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. **O pensamento neoconservador em política externa nos Estados Unidos**. São Paulo: UNESP, 2010.

VASCONCELOS, Edjar Dias de. **A história política do cristianismo a serviço da dominação econômica sobre os pobres, a religião como maldição**. Disponível em:

<<http://www.artigos.com/artigos/21030-a-historia-politica-do-cristianismo-a-servico-da-dominacao-economica-sobre-os-pobres-a-religiao-como-maldicao>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANEXOS

Anexo A – Entrevista do deputado ao Programa CQC

Popular: - “Quem é o seu guru na política?”

Bolsonaro: - “Os militares que governaram nosso país”

Popular: - “Você tem saudades do Lula?”

Bolsonaro: - “De jeito nenhum, né? Eu tenho saudades de pessoas sérias como Médice, como Geisel, como Figueiredo”.

Popular: - “Do que você mais tem saudade da época da ditadura?”

Bolsonaro: - “Do respeito, da família, da segurança, da ordem pública e das autoridades que exerciam autoridade sem enriquecer”.

Popular: - “O senhor continua achando que o FHC deveria ser fuzilado?”

Bolsonaro: - “Foi uma força de expressão na época, mas realmente, no tocante à privatização da vale do rio doce, ele se comportou como traidor da pátria”.

Popular: - “O que você faria se tivesse um filho gay?”

Bolsonaro: - “Isso nem passa pela minha cabeça, porque eles tiveram uma boa educação. Eu sou um pai presente, então, não corro esse risco”.

Popular: - “No exército tinha muita viadagem?”

Bolsonaro: - “No nosso meio, o percentual é muito pequeno, mas são tolerados e respeitados. Logicamente, aquele que quer aparecer, tem o tratamento devido de acordo com a legislação militar”.

Popular: - “Se te convidarem para sair num desfile gay, você iria?”

Bolsonaro: - “Eu não iria, porque eu não participo, né?, de promover maus costumes, né? Até porque acredito em Deus, tenho família e a família tem que ser preservada a qualquer custo, senão uma nação, simplesmente, ruirá”.

Popular: - “Por que o senhor é contra as cotas raciais?”

Bolsonaro: - “Porque nós somos iguais, perante à lei. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista, nem aceitaria ser operado por um médico cotista”.

Popular: - “Quantos chefes negros você já teve?”

Bolsonaro: - “Eu nem conto, não dou bola pra isso”.

Preta Gil: - “Se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?”

Bolsonaro: - “Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Não corro esse risco, meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu”.

Anexo B – Entrevista à revista playboy em junho de 2011

Playboy: - “O senhor já foi hostilizado na rua depois do episódio do CQC?”

Bolsonaro: - “Já ouvi: “Tem que morrer, tem que estar preso”. Ou: “É bicha!” O cara fala e passa batido. O pessoal me diverte. Mas não vou levar desaforo pra casa. Se o cara vier com ignorância, vou também. Mas estou com 56 anos, não posso enfrentar um boiôlo bombado de 30. Posso apanhar eventualmente se tiver alguém mais exaltado. Mas os caras também me respeitam”.

Playboy: - “O senhor classificou como “gracinha” a decisão do Supremo Tribunal Federal de reconhecer a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Por quê?”

Bolsonaro: - “O Supremo tem de interpretar a lei e fazer cumpri-la. Nesse caso não existe lei nesse sentido, Ele inventou, ele extrapolou”.

Playboy: - “Mas nesse caso está se regulamentando a vida de quem já tem uma relação. Em que incomoda a decisão do STF?”

Bolsonaro: - “Aí é uma questão pessoal minha. Por exemplo, moro num condomínio, de repente vai um casal homossexual morar do meu lado. Isso vai desvalorizar minha casa!”

Playboy: - “Um casal homossexual como vizinho desvaloriza a sua casa?”

Bolsonaro: - “Sim, desvaloriza! Se eles andarem de mão dada, derem beijinho, vai desvalorizar. Porque, se uma pessoa quiser comprar minha casa e estiver adotando uma criança, vai ver aquilo e sair fora. Ninguém fala porque tem medo de ser taxado de homofóbico, mas é uma realidade. Não sou obrigado a gostar de ninguém. Tenho que respeitar, mas, gostar, eu não gosto. Tanto desvaloriza que na PL 122 está que, se você não vender ou não alugar uma casa para um casal homossexual, pode pegar de um a três anos de cadeia. Se não desvalorizasse, isso não estaria lá”.

Playboy: - “Se, por mais que batesse nesse, seu filho se tornasse homossexual, o que o senhor faria?”

Bolsonaro: - “Tem certas coisas que é como a morte. Me daria desgosto, me deixaria triste, e acho até que ele mesmo me abandonaria num caso desses. Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”.

Playboy: - “O senhor seria incapaz de amar um filho homossexual?”

Bolsonaro: - “Seria incapaz. Não vou dar uma de hipócrita aqui para fazer média com quem quer que seja. Teria vergonha mesmo. Acho que me abalaria politicamente, atrasaria minha vida. Acredito que homossexualismo vem das amizades, e aí vem droga, vem tanta coisa atrás disso. E um filho meu não precisa se misturar com essa gente, como a Preta Gil, para ser feliz e vencer na vida”.

Playboy: - “O senhor acredita realmente que a aids é consequência direta do homossexualismo?”

Bolsonaro: - “Em grande parte, sim. As questões de mulheres casadas que contraem o vírus, muitas vezes elas pegam pelo marido, que é bissexual e leva para dentro de casa.”

Playboy: - “Não seria melhor falar em preservativo, em proteção?”

Bolsonaro: - “O pessoal não usa. Geralmente quem tem não está preocupado com isso. Se preocupa é quem não tem”.

Playboy: - “Se o seu filho virar homossexual, o senhor o prefere morto, mas, se ele virar uma pessoa com desvios de caráter, desonesta, o senhor aceitar?”

Bolsonaro: - “O que é aceitar? Enquanto for menor de idade, vou tentar recuperar. Se for maior, vai cumprir o xilindró dele. Comigo filho bandido vai ter um promotor, não um advogado de defesa. Mas nesse caso a gente vai tratar o garoto, que dá para tratar. Poucos retornam, mas dá para tratar”.

Playboy: - “Filho estuprador ou ladrão o senhor tenta mudar?”

Bolsonaro: - “Sim, depois que ele pagar, porque não vou passar a mão na cabeça”.

Playboy:- “O senhor associa homossexualismo à pedofilia, que é crime gravíssimo, apenas baseado na sua crença. O senhor realmente acredita nisso?”

Bolsonaro:- “Eu acredito. Geralmente os pedófilos são homossexuais”.

Playboy:- “Baseado em quê?”

Bolsonaro:- “Baseado no que eu vejo, porra! Quando você fala em dois homens adotarem uma criança, ela vai crescer, com toda a certeza, homossexual”.

Playboy: - “O senhor já fez exame de próstata?”

Bolsonaro: - “Já. Comecei aos 49 anos. Está na hora do próximo. Vai ser o sétimo”.

Playboy:- “O primeiro teve algum trauma?”

Bolsonaro:- “Teve. Quando deitei de barriga pra cima e encolhi as pernas, ele botou a mão na minha canela, dei uma mexida, e ele disse: “Calma, deputado, calma!” Não senti nada. Quer dizer, senti aquele dedo entrando e vi que ele tinha umas unhas grandes. “Pô, Zé! Que unhão, hein?” Ele falou: “Ah, o rabo não é o meu! É que eu toco cavaquinho”. Pelo fato de ser militar da reserva, nós somos, confesso, machistas. Na sala de espera, vi oficiais com a próstata numa situação que precisaria partir para cirurgia, e só Deus sabe o que ia acontecer com a vida sexual deles. E tudo isso por preconceito. Quando vi um coronel médico chorar na minha frente, tirei coragem não sei de onde e encarei o José Carlos, o médico, que virou o grande amor da minha vida [risos]”.

Anexo C – Entrevista ao Superpop em 2016

Luciana: - “Agora, você fala muito de mulheres, né? As mulheres que votaram contra a redução da maioridade penal. Por que você sempre cita mulheres?”

Bolsonaro: - “Não, não é sempre cita, tem uma deputada lá, que eu estou respondendo processo”.

Luciana: - “Mas você tem problemas com mulheres, né?”

Bolsonaro: - “Com algumas mulheres, tá ok? Porque elas deviam dar exemplo. Você pode ver: a bancada feminina, majoritariamente na câmara, numa proposta de emenda à constituição, votou favoravelmente que as mulheres tivesse o mesmo tratamento que o homem por ocasião da sua inatividade. Então devia dar exemplo, tá ok?”

Luciana: - “Como assim?”

Bolsonaro: - “É uma questão de aposentadoria. Nós temos uma diferença na legislação, na questão da idade da aposentadoria. Na pensão por morte! Temporariedade na pensão por morte. Hoje em dia a mulher, por exemplo, tá casada. Caso o marido venha a falecer, ela tem a pensão vitalícia. Nessa proposta, as mulheres votaram de modo a que elas passassem a ter uma pensão temporária de acordo com a idade”.

Luciana: - “Então o senhor tá dizendo que elas votaram contra elas mesmas?”

Bolsonaro: - “Contra as próprias mulheres, por quê? É decisão partidária. E, logicamente, na decisão partidária entra os interesses exclusivos”.

Luciana: - “Mas o que o senhor falou antes, que elas votaram contra elas mesmas quando foram contra a redução da maioridade penal”.

Bolsonaro: - “A questão do estupro, foi aquela deputada, mais... a gaúcha, mais ativa contra a minha pessoa. Que a questão do estupro, estou respondendo um processo. Não vou falar o nome dela, porque todo mundo sabe de quem eu estou falando aqui. O estupro, no tocante a estar fazendo uma apologia ao estupro”.

Luciana: - “Quer dizer que o senhor está dizendo que está defendendo as mulheres contra o estupro?”

Bolsonaro: - “É lógico! Hoje nós temos, aproximadamente, registrados, 60 mil casos de estupro por ano. Pode ter certeza que há pelo menos mais outro tanto desses que a mulher não vai, por questão de vergonha, não vai. Agora, como que você consegue passar a inibir isso daí? Aumentando a penalidade”.

Programa: - “Agora, deputado, é verdade que o senhor disse que mulher tem que ganhar menos porque engravida?”

Bolsonaro: - “Olha, eu fui entrevistado pelo jornal Zero Hora. O assunto era: “Por quê mulher ganha menos do que homem?” E eu estudei o assunto, fiz pesquisas, conversei com alguns empresários, com empregador. O que acontece? A mulher por ter um direito trabalhista a mais, no caso da licença gestante, o empregador prefere contratar homem. O empregador, não é o Jair Bolsonaro. E, muitas vezes, preferem, ao ser mulher, dar emprego ganhando menos. Isso é o que está na cabeça do empregador e o jornalista botou na minha conta isso daí”.

Luciana: - “Então, você acha certo ou errado isso?”

Bolsonaro: - “Você não tem, olha... no serviço público, você não tem distinção. Se nós fizermos um concurso para ser um sargento do exército, a gente vai ganhar a mesma coisa. Para sermos, sei lá, médicos de um hospital qualquer público, federal, a mesma coisa, agora, na questão privada, nós não temos como interferir, ficando a livre arbítrio do empregador”.

Luciana: - “E o que você achar?”

Bolsonaro: - “Eu não empregaria com mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente. Eu acho que essa igualdade...”

Luciana: - “Tem muuuita mulher que é competente!!!”

Anexo D – Entrevista à BBC de Londres, 2013

Stephen Fry: - “Parece-me que há algo profundamente errado com a sociedade brasileira, que tamanho ódio... Dia sim, dia não, aparentemente, há um homicídio por homofobia no Brasil.”

Bolsonaro: - “(...) Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90%, dos homossexuais que morrem, eles morrem em local de consumo de drogas, em local de prostituição ou executados pelo próprio parceiro. Eu entrei nessa briga contra o kit gay, tendo em vista a proposta do governo de distribuir em escolas públicas do primeiro grau, o material didático que seria para combater a homofobia, mas na verdade estimula o homossexualismo em criança. Não é questão, é questão de normalidade.”

Stephen Fry: - “É interessante que você use a palavra “normal”... Eu tenho grande interesse em zoologia. Há 480 espécies de animais que hoje exibem comportamento homossexual, mas apenas uma espécie de animal na Terra que exhibe comportamento homofóbico. Então, qual é o normal?”

Bolsonaro: - “Tua cultura é diferente da nossa. Agora nós não estamos preparados ainda, no Brasil, porque nenhum pai, nem você nem eu, tem orgulho de ter um filho gay. O orgulho brasileiro de fazer festa se aparecer um filho gay?!”

Stephen Fry: - “Se a criança está feliz. Entende, é... A única razão para eles estarem infelizes é saberem que existe homofobia na sociedade, e, portanto, a criança pode sofrer intimidação. Mas se o mundo não for homofóbico, então, por que um pai deve se preocupar?”

Bolsonaro: - “Você tem que ter um norte na tua vida. Que quer que os héteros sexuais continuem gerando crianças para que essas crianças continuem se transformando em gays e lésbicas para satisfazê-lo sexualmente no futuro. Então esse é o exemplo da sociedade brasileira que está sendo plantado aqui agora por esses grupos que eu chamo de fundamentalistas homossexuais”.

Stephen Fry: - “Eu nunca, nunca quis que alguém que não é gay fosse gay. Nunca! Eu creio que essa seja uma ideia absurda. Eu também sou inglês. Eu não quero que os outros sejam ingleses. “Phobos” é “medo” em grego. Homofobia é um medo dos gays. Eu me pergunto por que, numa sociedade, por que as pessoas teriam medo de gays?”

Bolsonaro: - “Não gostar, não é a mesma coisa que odiar. Vocês não gostam dos talibãs, ok? Nós, o povo, a sociedade brasileira não gosta de homossexual. Nós não perseguimos, não existem grupos aqui no Brasil de caça de homossexuais. Somos bastante abertos no Brasil, não somos um Irã, onde se condena à pena de morte, né?, os homossexuais. Tanto é que têm passeatas de orgulho gay. Estamos pensando em fazer uma passeata do orgulho hétero, pensamos em fazer isso aí, inclusive. Você não será convidado”. [risos]

Stephen Fry: - “Esse deve ter sido um dos mais estranhos e sinistros encontros que eu já experienciei. Bolsonaro é o típico homofóbico que eu encontrei pelo mundo todo, com seu mantra de que os gays querem dominar a sociedade, recrutar crianças, ou abusar delas. Mesmo num país progressista como o Brasil, suas mentiras criam histeria entre os ignorantes, dos quais a violência pode surgir...”

Anexo E - Trecho do discurso na Hebraica do Rio de Janeiro

“Eu fui com meus três filhos. Ah, o outro foi também! Foram quatro. Eu tenho um quinto também, o quinto eu dei uma fraquejada, né, foram quatro homens, na quinta eu dei uma fraquejada, veio uma mulher. Ela tem seis anos de idade e foi feita sem “aditivos”. Acreditem, se quiserem”.

“Quilombolas é outra brincadeira. Eu fui num “quilombola”, aqui do lado do paulista. Olha, o... o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais”.

“(apontando para um telão) Aqui são as reservas indígenas no Brasil, né? Onde tem uma reserva indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí! (aos gritos) Não vai ter nenhum centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola”.

“(apontando novamente para o telão em direção às fronteiras do norte do Brasil) Primeiro vamos voltar aqui à questão da xenofobia, né. Nós não podemos abrir as portas do Brasil para todo mundo”.

“O Brasil não pode se transformar numa casa da mãe Joana. Não pode a decisão de governo de atender todo mundo de forma indiscriminada”.

“(em tom de deboche) Se um idiota, num debate comigo, caso eu esteja lá, falar sobre misoginia, homofobia, racismo, “baitolismo”, eu não vou responder sobre isso”.